

“Eu sou a videira”

(15:1 – 16:4)

Bruce McLarty

Tenho uma reprodução de uma tela de Norman Rockwell pendurada no meu escritório. Ela ilustra uma situação que todos nós vivenciamos de uma forma ou de outra: a saída de casa. No quadro, um pai está sentado ao lado do filho, em cima da carcaça da velha e gasta caminhonete da família, esperando algo, talvez um ônibus, para levar o filho à faculdade. O pai está vestindo roupas de trabalho típicas de um fazendeiro e o filho está vestindo terno e gravata. O pai tem uma aparência de velho, fatigado e preocupado. O filho tem uma aparência jovial, vigorosa e parece pronto para conhecer o mundo. Um toque de tristeza envolve o quadro; um lamento pelo pai e pelo cão da família, que sabendo ser aquele um “adeus”, descansa a cabeça com pesar em cima da perna do moço. Às vezes, quando olho para esse quadro, eu me identifico com o moço. Ultimamente, tenho me identificado mais com o pai. Em certa ocasião, eu até me identifiquei com o cão!

Uma pergunta que a pintura de Rockwell parece fazer é: “O que o pai está pensando?” Imagino que quando o ônibus vier, os dois homens se levantarão e o pai dirá: “Muito cuidado agora, hein, filho?”, ou talvez: “Filho, escreva para a sua mãe. Isso vai ter muito valor para ela”. Todavia, não estou tão interessado nas palavras que ele venha a dizer quanto nos sentimentos que permanecem ocultos no interior do coração dele. Imagino que ele esteja pensando em tudo o que há pela frente para o seu filho. Ele está preparado? Terá bons amigos?

Saberá como solucionar um problema? O sucesso irá mudá-lo? O pai lhe ensinou tudo o que ele precisará para viver no mundo?

A imagem do quadro de Rockwell do pai e do filho no ponto de ônibus servem como uma boa preparação para esta lição. João 13 a 17 registra Jesus em Suas últimas horas antes da cruz. No capítulo 13, Ele lavou os pés dos discípulos e no capítulo 14, acalmou os temores deles. No texto desta lição, 15:1—16:4, veremos como Ele preparou os discípulos para a tribulação que teriam de enfrentar. Ele fez isto antecipando três grandes questões que teriam de superar sem a presença dEle.

QUESTÃO UM: A PERSEGUIÇÃO POR PARTE DOS HOMENS (15:18—16:4)

Alguma vez você se sentiu não querido por alguém ou até odiado, embora não soubesse o motivo? Uma de minhas irmãs teve essa experiência na época da faculdade. Ela começou a notar que um aluno a olhava como se a odiasse, mas ela nem o conhecia. Às vezes, eles se cruzavam na calçada e minha irmã sorria e cumprimentava esse moço com um educado “oi”. No entanto, o indivíduo franzia a testa, olhava para outro lado e suspirava em sinal de menosprezo. Ela partilhou com os amigos essa estranha situação, mas eles acharam que aquilo era fruto da imaginação dela.

Um dia, minha irmã foi convidada para um “encontro às escuras”, para sair com outro casal e um rapaz que era amigo deles. Ela aceitou. A

noite do encontro chegou e o rapaz com quem ela deveria sair era nada menos que aquele que a odiava! A noite foi um desastre. Ele não só parecia odiá-la, ele realmente a odiava. Nada do que ele disse foi gentil ou educado, e ele nem se esforçou para tornar aquele encontro agradável. Minha irmã ficou completamente desconcertada. Ela não sabia de nada que pudesse ter feito para ofender aquela pessoa, mas ele a tratava como se ela fosse a pior inimiga. Algum tempo depois, ela descobriu que tinha o infortúnio de ser parecida com uma antiga namorada que partira o coração do rapaz, na cidade natal dele, pouco antes dele ir para a faculdade!

No texto bíblico, Jesus avisou Seus discípulos que eles se deparariam com tempos difíceis. Logo eles ficariam tão desnorteados quanto minha irmã ficou! Jesus preparou os discípulos para essa dolorosa experiência de várias maneiras. Primeiramente, Ele disse que quando o mundo os odiasse, deveriam se lembrar de que o mundo O odiou primeiro (15:18). Por serem Seus discípulos, poderiam esperar pelo mesmo tratamento que Ele recebeu (15:20). Se o mundo tivesse escutado a Jesus, escutaria os discípulos também. Todavia, como o mundo em geral perseguiu a Jesus, eles podiam esperar que o mundo fizesse a mesma coisa com eles.

A perseguição por parte do mundo, disse-lhes Jesus, não seria “pessoal”, mas sobreviria porque eles eram Seus seguidores (15:21). Ele queria que os discípulos soubessem que os que odiavam Jesus e os discípulos também odiavam o Pai (15:23). Jesus sabia que o que seria mais frustrante na perseguição que se aproximava era que ela não fazia sentido! Ele previu que a perseguição seria “sem motivo” (15:25). Ele esperava que o fato de os discípulos saberem isso de antemão tornaria de alguma maneira tudo mais suportável para eles.

Os discípulos também podiam esperar serem expulsos das sinagogas¹. Dentre todas as advertências de Jesus, a mais dolorosa pode ter sido a seguinte afirmação: “Vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a

¹Veja 9:22, 34, 35. Ser expulso de uma sinagoga era mais do que uma expulsão temporária de uma casa de adoração. A sinagoga era o centro social e religioso de uma comunidade. Ser afastado da própria família e do próprio povo seria um preço doloroso para se pagar por seguir a Jesus.

Deus” (16:2). Por que Jesus lhe deu essa notícia tão desoladora, na véspera da crucificação? O propósito do Mestre era prepará-los para que não caíssem quando viessem os tempos difíceis (16:1). Se os discípulos se lembrassem de que Jesus os avisara acerca de tais tribulações, não ficariam desanimados (16:4). Com Jesus presente para animá-los e instruí-los não precisavam de tais avisos. Ao se preparar para deixá-los, esses ensinamentos eram essenciais para a sobrevivência espiritual deles.

Embora nossa condição como seguidores de Jesus seja um tanto diferente hoje, também precisamos ouvir Suas palavras sobre as tribulações que enfrentaremos. Em alguns lugares do mundo hoje, a oposição contra os cristãos é severa. São açoitados e encarcerados. Suas casas são incendiadas, ou seus locais de adoração proibidos. Esses cristãos podem entender as palavras de Jesus nesta passagem. Sabem que não devem se surpreender com o sofrimento, porque o próprio Jesus sofreu em primeiro lugar!

Outros cristãos talvez não enfrentem perseguição física, mas enfrentam perseguição social. Embora não sejam fisicamente açoitados, são ridicularizados por causa da fé em Jesus e ultrajados por causa de suas convicções. Em 1992, o crítico de cinema Michael Medved publicou um livro intitulado *Hollywood vs. America*, em que ele demonstrava como a indústria cinematográfica aproveita todas as oportunidades para denegrir a religião e os valores religiosos. Mais tarde, ele produziu um vídeo com o mesmo título. Tanto no livro como no vídeo, ele afirmou que embora geralmente lhes custe uma fortuna tais empreendimentos perdidos, muitos produtores hollywoodianos parecem ter a intenção de atacar os que crêem em Deus.

A perseguição é, às vezes, mais intensa dentro do próprio lar de um cristão. Um marido ou uma esposa podem criticar e denegrir a fé do cônjuge crente. Essa forma de perseguição pode ser a mais difícil de se suportar. Com certeza é por essa razão que, embora os cristãos do primeiro século tenham sido instruídos a permanecerem com seus companheiros não-cristãos, a idéia de um cristão casar-se com um não-cristão era impensável (1 Coríntios 7:12–16, 39).

Paulo — não isento de perseguição — escreveu à igreja em Roma: “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens”

(Romanos 12:18). As primeiras seis palavras deste versículo indicam que nem sempre está em nosso poder viver em paz. Haverá situações em que os nossos oponentes não darão descanso à questão, e teremos de enfrentar perseguição. Não devemos ficar surpresos diante disso, lembrando-nos do sofrimento de Jesus e de Seu aviso nos alertando que também sofreríamos por segui-LO. As palavras de Jesus são nossa proteção para evitar que venhamos a cair!

QUESTÃO DOIS: A SEPARAÇÃO DE JESUS (15:1-8)

Obviamente, fizemos uma análise incomum do texto começando pelo fim. O propósito disso é detectarmos o problema que estava sendo tratado para reconhecermos a urgência do relacionamento que Jesus mencionou anteriormente. Caso contrário, nossa tendência pode ser ver esta seção como uma lição espiritual interessante, mas desvinculada do problema da perseguição. Sendo assim, começamos com o fim do capítulo e agora estamos prontos para o começo.

Disse Jesus aos discípulos: “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor” (15:1). Este é o último dos sete “Eu sou” registrados no Evangelho de João. A videira e os ramos servem como uma alegoria para o relacionamento entre o Pai, o Filho e os discípulos do Filho. Jesus é a videira, o Pai é o agricultor (ou jardineiro, ou vinicultor) e os discípulos são os ramos. O fruto que os ramos devem produzir é a piedade nas vidas dos discípulos.

Nesta alegoria, a mensagem de Jesus enfoca a importância do discípulo permanecer bem ligado a Ele, assim como um ramo à videira na qual ele cresce. Deixar de fazer isso acarretaria morte rápida. Permanecer na videira é a única maneira de dar fruto, e deixar de produzir fruto resultaria em morte. Jesus deixou implícito que ramos sem fruto são cortados e queimados pelo agricultor (15:6). Ele também afirmou que o agricultor identifica os ramos frutíferos e os poda para que produzam mais frutos (15:2). Nos versículos iniciais do capítulo, a menção da poda deu a entender que seguir a Jesus seria doloroso para os discípulos no futuro.

Jesus enfatizou que era importante os discípulos “permanecerem” nele. Sete vezes em sete versículos (15:1-7), a palavra “permanecer” saiu dos lábios de Jesus. Significa “continuar” ou

“ficar”. Assim como um ramo recebe alimento da videira, os discípulos recebiam de Jesus a subsistência para a vida. Esquecerem-se disso numa hora tão crucial teria sido desastroso para eles. Se os discípulos se separassem da videira, morreriam e seriam queimados por Aquele que cuida da videira.

Os discípulos enfrentariam grande sofrimento nas vinte e quatro horas seguintes e teriam várias opções. Nós também vamos enfrentar oposição e aflições, senão físicas, espirituais, como seguidores de Jesus — e nós também teremos opções.

Quando somos odiados por causa de Jesus, podemos cair fora.

Quando somos odiados por causa de Jesus, podemos nos sentir traídos.

Quando somos odiados por causa de Jesus, podemos mudar de identidade.

Quando somos odiados por causa de Jesus, podemos *nos agarrar à videira!*

QUESTÃO TRÊS: A NECESSIDADE DE AMOR (15:9-17)

Além de “permanecer” na videira, os discípulos foram chamados para “permanecer” no amor. O amor é o maior imperativo para os discípulos de Jesus! Anteriormente, enquanto lavava os pés dos discípulos, Jesus demonstrou como o amor era importante nos Seus ensinamentos. Naquela ocasião, Ele disse:

Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros (13:34, 35).

Jesus referiu-se ao imperativo “amai-vos uns aos outros; assim como eu vos amei” como “o meu mandamento” (15:12). O amor a Deus e aos outros ocupa um lugar central na mensagem do evangelho (Mateus 22:34-40). O amor também é a ênfase nesta seção do Evangelho de João. C. H. Dodd observou que a palavra “amor” aparece somente seis vezes nos primeiros doze capítulos, enquanto ocorre trinta e uma vezes nos capítulos 13 a 17²!

O “amor” nesta passagem não é um senti-

²C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel* (“Interpretação do Quarto Evangelho”). Cambridge: The University Press, 1958, p. 398.

mento, uma emoção. Jesus esclareceu que Ele estava Se referindo ao tipo de amor que é melhor visto em Sua morte na cruz. Embora os discípulos provavelmente não entendessem o que Ele queria dizer quando afirmou: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (João 15:13), você e eu vemos que Ele certamente estava falando de Sua morte, que aconteceria no dia seguinte. Os discípulos de Jesus são agora chamados, assim como antes, para imitar o exemplo de amor do Mestre, amor que O levou à cruz.

CONCLUSÃO

Jesus já nos alertou que aqueles que ousam segui-LO devem esperar perseguições. De uma forma ou de outra, todos os cristãos enfrentam sofrimento decorrente da fé. Quando isso acontece, o que devemos fazer? As respostas que Jesus nos dá são: “permaneçam na videira” e “amem-se uns aos outros”.

Um dia depois de Jesus dar essas instruções, Ele foi para a cruz dando a maior demonstração de amor que o mundo já viu. Todavia, não foi amor que Ele recebeu em retribuição. Em vez disso, Ele foi amaldiçoado, cuspidor, açoitado, humilhado e assassinado. Foi uma cena terrível do maior ódio irracional que o mundo já testemunhou. Até mesmo diante dessa loucura, Jesus demonstrou fidelidade e amor. Ele enfrentou a perseguição e nos mostrou a maneira de superá-la.

Onde eu moro, temos uma expressão que usamos quando tivemos um dia anormalmente ruim. Dizemos: “Minha mãe sempre disse que haveria dias assim”. Quando somos chamados para pagar um preço difícil pelo privilégio de usar o nome de Cristo, podemos, igualmente, dizer: “Meu Senhor disse que haveria dias assim”. Ele não só disse que o sofrimento viria, mas também nos disse o que fazer quando ele vier: agarrem-se à videira e amem uns aos outros! ☞

©Copyright 2004, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS